

HISTÓRIA E SOCIOLOGIA: A CONTRIBUIÇÃO DE NORBERT ELIAS

HISTORY AND SOCIOLOGY: THE CONTRIBUTION OF NORBERT ELIAS

Tereza Cristina KIRSCHNER*

Resumo: O artigo trata da reflexão do sociólogo Norbert Elias sobre a relação entre indivíduo e sociedade, desenvolvida em uma perspectiva que relaciona a sociologia a outras disciplinas como a história e a psicologia. A proposta do autor é tornar a sociologia uma disciplina multidisciplinar, com especial ênfase na introdução da abordagem histórica nas análises sociológicas. O objetivo do artigo é acompanhar o desenvolvimento da sua reflexão sobre essa questão.

Palavras-chave: História; Sociologia; multidisciplinaridade.

Abstract: The article focuses on the German sociologist Norbert Elias's thought about history and sociology and it aims to emphasize the importance of the link between individual and society in his theory of the social process. It also presents the author's project of transforming sociology in a multidisciplinary field of research.

Keywords: History; Sociology; multidisciplinaryity.

Introdução

Norbert Elias é hoje reconhecido no panteão dos grandes sociólogos do século XX. Contudo, apesar de instigante e inovadora, sua obra permaneceu praticamente desconhecida nos meios acadêmicos até a década de 1970. Diferentemente de outros sociólogos alemães que também vivenciaram o exílio provocado pelo nazismo – Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Karl Manheim –, as obras de Elias só alcançaram reconhecimento acadêmico tardiamente.¹

Elias deixou uma vasta produção intelectual que contempla variados temas de pesquisa, como costumes e comportamentos na época moderna, gênese do Estado ocidental, diferentes concepções sobre o tempo, a questão do símbolo, o viver e o morrer, o esporte enquanto tema sociológico, a relação pais e filhos, a arte africana, formas de exclusão social, o artista na sociedade de corte européia, para mencionar apenas alguns. A publicação de vários textos ocorreu muito tempo após sua produção e, frequentemente, à margem da carreira universitária. Trabalhos antigos, provisoriamente abandonados, foram retomados e associados a outros mais recentes, como no caso da sua última obra

* Doutora em História. Universidade de Paris III. Professora associada do Departamento de História da Universidade de Brasília - UnB. Brasília, DF - Brasil. E-mail: terezack@uol.com.br.

publicada em vida, *Os alemães*.² Alguns temas foram objeto de sua reflexão por quase cinquenta anos, retomados e desenvolvidos em vários de seus escritos.³

Em razão da diversidade de temas tratados e da sua própria abordagem teórica, a obra de Norbert Elias possibilitou diferentes tipos de apropriação. Embora seja difícil sintetizá-la contemplando todos os variados temas que foram objeto de suas pesquisas, pode-se afirmar que sua reflexão desenvolveu-se em torno de uma questão que o acompanhou ao longo da vida: a relação entre o indivíduo e a sociedade. Essa relação foi examinada por Elias sob diversos ângulos, em uma perspectiva que incorpora a sociologia e a história. Sua reflexão sobre essa questão constitui o tema desse artigo, cujo objetivo é destacar a importância que o autor atribuiu à história para as análises sociológicas. Em vez de tentar definir ou classificar o pensamento de Elias, o que implicaria o risco de simplificá-lo, optou-se por acompanhar sua reflexão no diálogo que manteve com outras disciplinas, como a filosofia, a história, e a psicologia, e a própria sociologia.

Elias frequentou parte do curso de Medicina em Breslau e, em 1924, defendeu sua tese de doutorado em Filosofia na mesma cidade. Ainda em Breslau dedicou-se ao estudo de psicologia. Em 1925 iniciou seus estudos de sociologia na Universidade de Heildeberg, onde permaneceu até 1930 quando acompanhou Karl Manheim à Universidade de Frankfurt, como seu assistente, e nessa universidade preparou sua tese de *Habilitation*, que não chegou a defender em virtude da tomada do poder pelos nazistas. A tese, com o título de *A sociedade de corte*, foi publicada na Alemanha somente em 1969. Elias permaneceu em Frankfurt até partir para o exílio, em 1933, inicialmente em Paris e posteriormente em Londres. Ao longo desse período, ele participou dos debates intelectuais da época, dialogando com três vertentes de pensamento sobre o homem e a sociedade: a tradição filosófica ocidental, a sociologia e a psicologia, inclusive a psicanálise. O sociólogo desenvolveu uma reflexão crítica sobre cada uma dessas vertentes e o resultado foi uma síntese original. A importância atribuída à história pelo sociólogo permeou o diálogo com essas tradições

A ideia que Elias desenvolveria posteriormente – da sociedade como uma rede de indivíduos interdependentes –, já se manifestou quando era estudante de filosofia. Ele questionou a noção de indivíduo construída pela filosofia ocidental: um indivíduo abstrato, a-histórico e completamente isolado da realidade social. Essa ideia estava presente na sua tese de doutorado:

Na minha tese, inteiramente redigida em estilo filosófico [...] eu já tinha expressado claramente minha convicção de que a noção tradicional do homem tomado isoladamente, a noção de indivíduo, devia ser repensada. Fazer o indivíduo sair de seu isolamento no pensamento e integrá-lo em um modelo conceitual que o inserisse em uma cadeia de gerações, em uma sucessão, consistiu sempre, me parece, uma das missões da sociologia.⁴

Depois de ter defendido a tese, essa questão permaneceu no centro das suas reflexões.

O indivíduo não é independente das relações nas quais se encontra inserido, independente do constante entrelaçamento de fios mediante o qual ele se transforma no que é [...]. Não existe um grau zero do vínculo social do indivíduo, um começo ou uma ruptura nítida no sentido de que ele ingressa na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede social e, então começa a se vincular a outros seres humanos. Ao contrário, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. [...] essas redes de relações estão presentes nele e são representadas por ele, quer ele esteja de fato em relação com outras pessoas ou sozinho, quer trabalhe ativamente em uma grande cidade, ou seja, um naufrago em uma ilha a mil milhas de sua sociedade.⁵

Elias denominou a representação do ser humano construída pela filosofia de *homo clausus*, em oposição à sua concepção de um indivíduo fundamentalmente em relação com o mundo, com tudo aquilo que não é ele mesmo: outros seres humanos e outros objetos.⁶ A crítica à visão do ser humano como *homo clausus* foi o resultado de um longo processo de abandono da filosofia e de aproximação da sociologia. E, também, o fio condutor de toda sua produção intelectual. Em cada uma de suas obras o tema foi retomado e desenvolvido sob ângulos diferentes, desde *A sociedade de corte*, escrita no início da década de 1930, até o seu último texto, inacabado, que deveria ser a introdução à *Teoria do símbolo*.⁷

Na Universidade de Heidelberg, Elias frequentou os seminários do sociólogo Alfred Weber, e as reuniões de Marianne Weber⁸, que mantinham vivas a memória e a influência intelectual de Max Weber. Nessa época, ele leu os clássicos da sociologia alemã – Max Weber, Karl Marx, Georg Simmel –, e aproximou-se de Karl Mannheim. Alfred Weber e Mannheim tiveram influência sobre o pensamento de Elias na medida em que ambos instigavam-no a desenvolver e explicitar melhor suas próprias ideias. Elias nunca se considerou um seguidor dos dois sociólogos.

Como na filosofia, Elias não viu na sociologia de seu tempo uma possibilidade de oferecer respostas satisfatórias para as questões que o inquietavam, embora reconhecesse o valor das reflexões de Weber, Simmel e Marx, cujas obras o inspiraram em aspectos importantes. As críticas de Elias à sociologia clássica centram-se na questão que o preocupava há tempo: a relação entre o indivíduo e a sociedade. Em sua opinião,

Muitas vezes, é como se as psicologias do indivíduo e da sociedade parecessem duas disciplinas completamente distintas. E as questões levantadas por cada uma delas costumam ser formuladas de maneira a deixar implícito, logo de saída, que existe um abismo intransponível entre o indivíduo e a sociedade.⁹

Segundo Elias, a tradição sociológica, de modo geral, tratava essa questão como se houvesse indivíduos, de um lado, e sociedade, de outro. Referindo-se a Max Weber, observou que o grande sociólogo não conseguiu resolver o problema da relação entre os dois objetos que os conceitos de indivíduo no singular e de sociedade indicavam. A crença em um indivíduo absoluto constituindo a verdadeira realidade social teve repercussões na sua tipologia das relações de dominação.

Max Weber frequentemente deu provas de uma lucidez implacável no que se refere aos problemas de poder em seus trabalhos empíricos, particularmente na sua obra de juventude dedicada aos trabalhadores das regiões ao leste do Elba. [...] Mas no seu grande projeto teórico, ele procurou, tanto quanto possível, excluir o problema das relações de poder da sua tipologia das relações de dominação. [...] O que, em Weber, como em outros, desempenha um papel fatal na elaboração de uma teoria sociológica é sua opção fundamentalmente liberal que o obrigava a encarar a sociedade a partir do indivíduo.¹⁰

Elias desenvolveu uma noção de poder não habitual na sociologia da época, pois, para ele, o poder constitui um elemento básico de todas as relações humanas, não se reduzindo à arena das relações entre Estados.

[...] o termo poder pode induzir a erro. Dizemos que uma pessoa detem grande poder, como se poder fosse uma coisa que se metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de ideias mágico-míticas. O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de *todas* as relações humanas.¹¹

Na Universidade de Frankfurt, entre 1930 e 1933, Elias encontrou um ambiente intelectual estimulante. O Departamento de Sociologia, onde foi assistente de Manheim,

situava-se no mesmo edifício do Instituto de Pesquisas Sociais, dirigido por Max Horkheimer, e do Instituto de Psicanálise. Havia, portanto, condições favoráveis para trocas interdisciplinares fecundas durante os seminários comuns e discussões informais. Data dessa época o interesse de Elias pela psicanálise, tema que também era de interesse dos pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais, conhecidos como membros da Escola de Frankfurt.

Quando exilado em Londres, Elias aprofundou suas leituras em psicologia e psicanálise. Aproximou-se do psicanalista S.H. Fuchs, que conhecera em Frankfurt, e de outros psiquiatras, contribuindo para dar forma ao que se denominou psicanálise de grupo. Elias foi um dos membros fundadores do *Group Analytic Society* de Londres, e chegou a dirigir alguns grupos. Entre 1944 e 1954, ofereceu cursos de psicologia social no King's College.

Com uma bagagem intelectual considerável, Elias lançou-se, em Londres, à pesquisa que resultaria no seu livro *O processo civilizador*, concluído em 1939.¹² Nele, Elias aprofundou a ideia de sociedade como uma rede de relações humanas interdependentes e concretizou a aproximação entre a sociologia e a história, na medida em que suas preocupações centravam-se em processos sociais de longa duração. O livro revela uma apropriação original e, ao mesmo tempo crítica, de Marx, Weber, Simmel e Freud. Seu diálogo com esses autores consiste em aproximações e afastamentos que o permitiram desenvolver conceitos e abordagem teórica próprios. Elias pensou com, e, ao mesmo tempo, contra esses autores.

Em *O processo civilizador*, ao pesquisar as mudanças de hábitos e comportamentos que caracterizaram a história europeia do final do período medieval até o século XVIII, Elias integrou psicologia, sociologia e história, fundamentando suas reflexões teóricas em dados empíricos. O sociólogo alemão enfrentou o desafio de pesquisar o ser humano em todas suas dimensões, não o restringindo a aspectos particulares da sua existência. Em sua perspectiva de análise, não fazia sentido pesquisá-lo do ponto exclusivo, por exemplo, das suas atividades econômicas ou políticas, ou então, percebê-lo apenas como produtores isolados de ideias ou como um depósito de emoções. Elias era contra as tentativas de explicar os processos sociais a partir de uma única dimensão da vida dos seres humanos. Cada dimensão exige níveis de análise distintos, porém, complementares. Ele priorizou a síntese e não a análise, e em toda sua obra observa-se o cuidado de evitar o emprego de categorias rígidas e dicotômicas para examinar seres humanos e sociedades. O sociólogo olhou com um ar bastante crítico a tendência à excessiva especialização nas ciências humanas, defendendo, ao contrário, a multidisciplinaridade na pesquisa sociológica.

O processo civilizador consistiu em um ataque implícito às práticas da psicologia, da sociologia e da história do seu tempo. No caso da história, Elias criticou a historiografia dominante, predominantemente descritiva e apegada apenas a fontes escritas. Uma história acumulativa de ações e fatos únicos com base nos quais era impossível estabelecer algum tipo de sentido; reativa, portanto, a explicações de natureza mais estrutural. A produção historiográfica ancorava-se, segundo Elias, na crença na liberdade do indivíduo como fundadora de toda decisão e nas intenções e atos voluntários de personagens considerados importantes como causas de mudanças significativas. Crítico dessa abordagem da história, Elias defendeu uma historiografia que fosse capaz de apreender e explicar processos históricos na longa duração temporal.

No caso da psicologia, ele procurou demonstrar com sua pesquisa que, diferentemente dos estudos sobre comportamentos desenvolvidos pelos psicólogos acadêmicos da época (excluídos os psicanalistas), baseados em formulários e métodos quantitativos, era possível, por meio da pesquisa histórica, apreender um movimento, ou uma evolução, na estrutura da personalidade humana. A partir de testes e formulários aplicados em indivíduos da sua época, os psicólogos tiravam conclusões sobre os homens em geral, sem se ater às transformações psicológicas pelas quais passavam os seres humanos ao longo de processos históricos. Elias procurou mostrar que a própria estrutura da personalidade humana transforma-se ao longo da história, provocada por determinadas condições sociais.

Se Elias foi categórico na crítica à psicologia de sua época, com relação à psicanálise freudiana sua posição foi mais complexa.¹³ Ele nunca negou a influência de Freud no seu pensamento. “Sem Freud eu não poderia ter escrito o que escrevi”.¹⁴ Contudo, pensava que a teoria psicanalítica deveria inserir a perspectiva histórica em sua abordagem, ou seja, ele pretendia historicizar as descobertas da psicanálise.

[...] ao longo da sua vida, Freud estudou homens e mulheres que viviam no final do século XIX e início do século XX e, como nas ciências naturais, elaborou conceitos como se a estrutura da personalidade que ele observava era uma característica de todos os seres humanos. [...] Ir além de Freud, em termos científicos, significa reconhecer as transformações que afetam o desenvolvimento da personalidade humana.¹⁵

Elias referia-se ao mecanismo de repressão dos instintos e das emoções que acompanhou o processo civilizador ocidental. Ele reconheceu a importância do conceito freudiano de inconsciente, porém não o percebia como algo natural, mas, sim, cultural. O

inconsciente pessoal “é criado ao longo do processo civilizador, que modera nos homens suas emoções espontâneas”.¹⁶ Freud teria naturalizado o que devia ser considerado resultado de um processo sócio-histórico não redutível a uma única causa: a libido sexual.¹⁷ Referindo-se à sua estadia em Gana, no início da década de 1960, onde lecionou sociologia, ele comentou:

[...] sempre pensei ser necessária uma revisão da teoria que Freud nos legou. Pensava que a formação do superego, da mesma maneira que a emergência do ego deveriam ser diferentes da nossa em sociedades mais simples, e a experiência de Gana decididamente me deixou muito a vontade com essa ideia.¹⁸

O livro também consiste em uma crítica à sociologia voltada para o presente, que desconsiderava a noção de processo histórico, além de não solucionar a questão da relação entre o indivíduo e a sociedade. Em reação às teorias sociológicas do século XIX, como as formuladas por Marx, Comte, Spencer e Hobhouse, as quais, em perspectivas distintas, tinham como preocupação a transformação das sociedades e a busca de um sentido subjacente à mudança, as teorias sociológicas do século XX teriam abandonado as questões que envolvem o movimento social de longo prazo. Em parte como reação aos aspectos especulativos das teorias sociológicas clássicas sobre a mudança social, a sociologia contemporânea voltou-se para a análise das sociedades em uma perspectiva estática. A sociologia, tal como praticada na sua época, especialmente a sociologia norte-americana, teria substituído a noção de processo social pela de sistema social, uma representação da sociedade em um estado de equilíbrio, afetado eventualmente por disfunções que produzem a mudança social.¹⁹

Segundo Elias, a condenação radical das teorias do século XIX excluiu a possibilidade de tratar processos sociais de longo prazo isentas de motivações ideológicas, como, por exemplo, o ideal de progresso. Além disso, não avançou no problema da relação entre o indivíduo e a sociedade.²⁰ Para o sociólogo, era indispensável incluir o conceito de processo histórico-social nas teorias sociológicas, bem como enfrentar teoricamente a questão da relação entre indivíduo e sociedade.

Referindo-se à teoria de Talcott Parsons, em voga nos anos 1950, Elias procurou mostrar como o sociólogo norte-americano, ao excluir o conceito de processo histórico da sua teoria, teria reduzido o problema da mudança social a um estado transitório de disfunção entre dois estados normais de estabilidade.²¹ As situações sociais são tratadas como se existissem normalmente em “estado de repouso” e tornam-se marcos de

referências para todas as mudanças. Elias considerava as categorias básicas de Parsons “arbitrárias”, porque subjacente a elas

[...] está a noção tácita, não comprovada e supostamente axiomática, de que o objetivo de toda teoria científica é o de reduzir tudo aquilo que é variável a algo invariável, e simplificar todos os fenômenos complexos dissecando-os em seus componentes individuais.²²

Essas ferramentas sociais, concluiu Elias – incluindo conceitos como ‘estrutura’ e ‘função’, que serviam como emblemas da escola sociológica dos funcionalistas estruturais norte-americanos –, traziam a marca de um tipo específico de raciocínio que reduz processos à condição de estados, isto é, situações estáticas.

Em *O processo civilizador*, Elias procurou mostrar, com base em vasta documentação, que a mudança é uma característica normal da sociedade. Caberia ao sociólogo perceber uma sequência estrutural de mudanças como marco de referência para a pesquisa de situações localizadas em um determinado momento daquela sequência.

Para transmitir suas ideias, inovadoras na época, Elias enfrentou dificuldades. Posicionando-se contra tendências intelectuais dominantes, era imprescindível o uso de um arcabouço conceitual preciso para evitar mal entendidos. Mas a tentativa de desenvolver uma terminologia adequada para o conhecimento das relações humanas não se mostrou tarefa fácil. Ele acabou criando novos termos para expressar suas idéias, como sociogênese, *homo clausus*, *habitus*, configuração social, etc. Algumas vezes Elias ressignificou palavras já saturadas de antigas significações, como, por exemplo, evolução, a qual, isolada de sua reflexão teórica, provocou mal entendidos, a ponto de sua teoria do processo civilizador ser considerada evolucionista ou teleológica.

Configuração, talvez o conceito mais importante na construção teórica eliasiana, refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si em vários níveis e de diferentes maneiras. As configurações possuem uma dinâmica imanente que compreende lutas e pressões em seus diferentes níveis e formam um processo que é ao mesmo tempo canalizado pela estrutura das configurações e transformado por elas. A longo prazo, apresentam um caráter cego e não planejado, principalmente porque são resultado de inúmeras ações não intencionais de grupos e indivíduos. Tal processo, contudo, apesar de não ser planejado, possui uma estrutura determinada. Nas sociedades européias, a dinâmica da configuração social a partir do período medieval adquiriu a forma de um processo civilizador que afetou a estrutura das sociedades e a estrutura das personalidades dos indivíduos que a compunham.

Elias recebeu críticas tanto de sociólogos como de historiadores. Não cabe, nesse breve artigo, examinar a recepção da obra de Elias em diferentes meios acadêmicos.²³ Considerando a importância que atribuiu à inserção da abordagem histórica nas pesquisas sociológicas, dar-se-á destaque à recepção da obra de Elias pelos historiadores.

Embora não fosse muito conhecido na França²⁴, foi nesse país que Elias despertou especial interesse entre os historiadores. Não deixa de ser curioso que a recepção de Elias tenha ocorrido principalmente entre historiadores, quando seu discurso foi dirigido especialmente aos sociólogos. A recepção de sua obra pelos sociólogos foi mais lenta.

A tradução francesa do primeiro volume de *O processo civilizador*, em 1973, revelou-se um *best-seller*. Um *compte rendu* de François Furet no *Nouvel Observateur* e outro de Emmanuel Ladurie no *Le Monde* muito contribuíra para tal sucesso.²⁵ Essa acolhida estimulou a tradução de *A sociedade de corte* no ano seguinte. O entusiasmo com a obra de Elias deu-se principalmente entre os historiadores culturais e seu nome foi citado por Roger Chartier e Jacques Revel. É interessante observar que os livros de Elias que causaram sucesso eram de caráter histórico; suas obras teóricas e sociológicas não foram traduzidas naquele momento. A tradução do segundo volume de *O processo civilizador*, em 1975, obteve um eco mais discreto. Na verdade, o volume causou certo incômodo. Enquanto o primeiro agradou pelo material empírico, incomodou, no segundo, um pensamento sistêmico, justamente em um momento em que a disciplina histórica rejeitava as grandes interpretações e as pesquisas adquiriam um caráter fragmentário. Incomodava, também, e, sobretudo, o termo evolução, empregado por Elias e rejeitado pela *nouvelle histoire*, uma vez que habitualmente era associado à continuidade, linearidade e progresso.

Entusiasmo e incômodo foi o que Elias provocou entre os historiadores na França, em um momento no qual a historiografia francesa adquiria um prestígio internacional crescente. O incômodo é visível em uma mesa redonda realizada em 1995, da qual participaram os sociólogos Michel Wieviorka e Georges Vigarello e os historiadores Roger Chartier, Arlette Farge, André Burguière.²⁶ Com exceção de André Burguière, houve unanimidade nas críticas a um suposto ‘evolucionismo’ em *O processo civilizador*, bem como a uma defasagem do pensamento de Elias em relação à evolução das novas correntes que vigoravam na área da história.

A tensão provocada por Elias na França foi resolvida dividindo-se sua obra em partes aceitáveis e não aceitáveis. A pesquisa histórica foi aceita pelos historiadores da cultura; seu ‘evolucionismo’ foi rejeitado como fazendo parte de “um pensamento de

outra época, da sociologia da época de Weimer. ”²⁷ O historiador Roger Chartier, no prefácio à edição de bolso da *A sociedade de corte*, comentou:

[...] pela sua redação, pelas suas referencias, pela sua informação, *A sociedade de corte* é um livro antigo, cuja forma quase acabada se definiu desde 1933. Isso é importante para compreender em que universo intelectual ele foi concebido, o de uma sociologia dominada pela figura de Weber e de uma história que é ainda a do século XIX. ²⁸

Segundo os sociólogos A. Garrigou e B. Lacroix,

[...] a apropriação histórica do autor, ou, se se prefere, a tentativa, próxima de bem sucedida, de transformar um francófilo esclarecido em defensor da história *à la française*, não aconteceu sem consequências, ou mesmo sem perigos para a imagem pública do solitário de Amsterdam... Ao atribuir a supremacia da história, contribui simultaneamente para relegar a investigação sociológica à insignificância. Pode-se lastimar que a compreensão inaugural de Elias na França tenha dado excepcional importância às contribuições empíricas, à análise dos costumes, em detrimento da sua teoria das configurações sociais, do equilíbrio das tensões ou da monopolização da força física. ²⁹

Foi na Holanda, onde Elias se instalou a partir de 1984, que sua obra teve uma recepção propriamente sociológica. Pode-se falar em uma escola, a *Figurational Sociology*, que mantém vivo o pensamento de Norbert Elias. Pesquisadores dedicam-se a vários temas com base em seu arcabouço teórico. Dentre esses estudiosos destacam-se Johan Goudsblom, Eric Jones, Stephen Mennel e Erick Dunning. ³⁰

Considerações finais

Ao longo desse artigo procurou-se destacar a importância atribuída à história no pensamento sociológico de Norbert Elias. A compreensão da relação indivíduo e sociedade em uma perspectiva histórica, tal como apresentada em algumas das suas obras teóricas, mas mais visível, sobretudo, nos seus estudos dedicados a processos históricos de longa duração temporal, mostra como a relação entre história e sociologia podem ser enriquecedoras, tanto para o sociólogo como para o historiador.

Em 1977, Elias ainda se manifestou sobre a relação entre história e sociologia. Queixou-se de que trazer o problema das mudanças de longo prazo das estruturas da sociedade e das estruturas de personalidade ao centro das discussões na área das ciências

sociais esbarrava em dificuldades, pois história e sociologia eram disciplinas acadêmicas independentes e cada uma delas procurava manter seu espaço e sua autonomia.

Tem-se frequentemente a impressão de que os seres humanos imaginam que os objetos das diferentes disciplinas acadêmicas, nesse caso a história e a sociedade, existem tão independentemente uns dos outros como os departamentos de história e sociologia. [...]a estrutura peculiar da organização universitária, com suas lutas intestinas de poder e de *status* entre diferentes grupos de especialistas acadêmicos, induz a crer (nesse caso como em outros) que o ensino e a pesquisa, separados por motivos organizacionais dos grupos de especialistas científicos, fundamentam-se na existência dissociada de seus objetos de pesquisa.³¹

Talvez, por isso, apesar da aproximação entre história e sociologia ser central no pensamento de Norbert Elias, a recepção diferenciada da sua obra por historiadores, de um lado, e sociólogos, de outro, acabou por enfraquecer sua proposta. Historiadores e sociólogos detiveram-se, em geral, em aspectos da obra mais afim com suas especialidades. Pode-se dizer que a obra de Elias foi lida fragmentariamente por especialistas treinados, porém incapazes de apreender o conjunto do seu pensamento. Elias acabou sendo vítima daquilo que sempre criticou: a excessiva especialização nas ciências humanas.

Desde que Elias formulou suas críticas, muitos redirecionamentos ocorreram nas pesquisas históricas e sociológicas. O diálogo entre história e sociologia tornou-se uma realidade, sobretudo a partir dos *Annales* e da Nova História. Esse diálogo, porém, não ocorreu na linha teórica proposta pelo sociólogo alemão. Pode-se considerar que os desafios lançados pela reflexão de Norbert Elias permanecem.

Referências

- BURGUIÈRE, A; CHARTIER, R; FARGE, A; VIGARELLO, G; WIEWIORKA, M. Norbert Elias: une lecture plurielle. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.99, 1995.
- BUTON, F.; MARIOT, N. (Org.). *Pratiques et méthodes de la socio-histoire*. Paris: PUF, 2009.
- GARRIGOU, A.; LACROIX, B. *Norbert Elias*. La politique et l'histoire. Paris: La Découverte, 1997.
- GOUDSBLOM, J.; JONES, E.; MENNEL, S. *The course of human history*. Economic growth, social process and civilization. M.E.Sharpe: New York, 1996.
- ELIAS, N. *La société de cour*. Tradução do alemão de P. Kamnitzer e J. Etoré. Paris: Flammarion, 1985.
- _____. *O processo civilizador*. Tradução do alemão de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 e 1993. 2 v.

- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução do alemão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. *What is sociology?* Tradução do alemão de Stephen Mennell e Grace Morrissey. New York: Columbia University Press, 1978.
- _____. *Norbert Elias par lui-même*. Entrevista biográfica por A.J. Heerma van Voss e A.Stolk. (1984) Tradução de J. C. Capèle. Paris: Fayard, 1991.
- _____. *Os alemães* (1989). Tradução do alemão de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. *The symbol theory*. Londres: Sage Publications, 1991.
- _____. *Au-delà de Freud*. Sociologie, psychologie, psychanalyse. Tradução do alemão de Nicolas Guillot, Marc Joly e Valentine Meunier. Paris: La Découverte, 2010.
- _____. Entrevista com Roger Chartier. *Libération*, dez 1985.
- _____. *Engagement et distanciation. Contributions à la sociologie de la connaissance*. Tradução do alemão de Michèle Hulin. Paris: Fayard, 1993.
- _____. Para a fundamentação dos processos sociais. In: NEIBURG, F. *Le Monde*, 27/12/1973. *Le Nouvel Observateur*, 26/11/1973.
- MALERBA, J. A influência intelectual de Norbert Elias. In: LOPES, M. A. (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MERTON, R. *Social Theory and Social Structure*. New York: Free Press, 1936.
- NOIRIEL, G. *Introduction à la socio-histoire*. Paris: La Découverte, 2006.
- PARSONS, T. *El Sistema Social*. Madri. Editora Revista de Occidente, 1966.
- WAIZBORT, L. (Org.). *Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Notas

- ¹ Norbert Elias nasceu em 1897, na cidade de Breslau, que, na época, fazia parte da Alemanha. Faleceu na Holanda, em 1990.
- ² Elias, Norbert. *Os alemães* (1989). Tradução do alemão de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- ³ Como exemplo, Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução do alemão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1994. O livro reúne artigos sobre esse tema escritos entre 1939 e 1987.
- ⁴ *Norbert Elias par lui-même*, *op.cit*, p.125.
- ⁵ Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*, *op.cit*. p. 31.
- ⁶ Elias, Norbert. *What is sociology?* Tradução do alemão de Stephen Mennell e Grace Morrissey. New York: Columbia University Press, 1978,
- ⁷ Elias, Norbert. *La société de cour*. Tradução do alemão de P. Kamnitzer e J. Etoré. Paris: Flammarion, 1985 e *The symbol theory*. Londres: Sage Publications, 1991.
- ⁸ Irmão e esposa de Max Weber, respectivamente.
- ⁹ Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*, *op.cit*, p. 15.
- ¹⁰ *Norbert Elias par lui-même*, *op.cit*, p. 173.
- ¹¹ Elias, Norbert. *What is sociology?*, *op.cit.*, p.74.
- ¹² O livro foi publicado na Suíça em 1939 e na Alemanha, apenas em 1969. Elias, Norbert. *O processo civilizador*. Tradução do alemão de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 e 1993. 2 vols.
- ¹³ Elias, Norbert. *Au-delà de Freud*. Sociologie, psychologie, psychanalyse. Tradução do inglês e alemão de Nicolas Guillot, Marc Joly e Valentine Meunier. Paris: La Découverte, 2010.
- ¹⁴ Elias, Norbert. Entrevista com Roger Chartier. *Libération*, dez 1985, p. 29.
- ¹⁵ *Idem*, p 29
- ¹⁶ Elias, Norbert. *O processo civilizador*, *op. cit.* , v.1, p.198.
- ¹⁷ Elias pretendia escrever um livro sobre o conceito freudiano de sociedade, que, contudo, não chegou a concluir. O manuscrito que fazia parte do livro foi publicado com o título *Le concept freudien de société et au-delà* em *Au-delà de Freud. Sociologie, psychologie, psychanalyse*, *op.cit*.
- ¹⁸ *Elias par lui-même*, *op.cit*, p. 89.
- ¹⁹ Elias tem em mente Robert Merton e Talcott Parsons principais representantes da sociologia norte-americana da época, denominada funcionalista.

-
- ²⁰ Elias, Norbert. *O processo civilizador*, *op. cit.*, v.1, p.214-251.
- ²¹ Parsons, Talcott.(1951) *El Sistema Social*. Madri. Editora Revista de Occidente, 1966.
- ²² Elias, Norbert. *O processo civilizador*, vol.1, *op.cit.*, p.222.
- ²³ Para a recepção de Elias no Brasil ver Malerba, Jurandir. A influência intelectual de Norbert Elias. In Lopes, Marcos A. (Org.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ²⁴ A referência a Norbert Elias na França resumia-se a um *compe-rendu* de Raymond Aron sobre o primeiro volume de *O processo civilizador*, publicado na revista *Année Sociologique*, em 1941. Aron, considerado um intérprete autorizado da sociologia alemã, fez uma crítica favorável ao livro.
- ²⁵ *Le Nouvel Observateur*, 26 de novembro de 1973 e *Le Monde*, 27 de dezembro de 1973.
- ²⁶ Burguière, a; Chartier, R; Farge, A; Vigarello, G e Wieviorka, M. Norbert Elias: une lecture pluriel. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. 99, 1995.
- ²⁷ Burguière, A. *Norbert Elias: une lecture pluriel*, *op.cit.*, p. 21.
- ²⁸ Chartier, Roger. Prefácio à *La société de cour*. Paris: Flammarion, 1985.
- ²⁹ A. Garrigou e B Lacroix. *Norbert Elias. La politique et l'histoire*. Paris: La Découverte, 1997.
- ³⁰ Sobre a *Figurational Theory* ver Goudsblom, Johan; Jones, Eric e Mennel, Stephan. *The course of human history. Economic growth, social process and civilization*. Elias Foundation. M.E.Sharpe: New York, 1996. Em 1983 foi criada, por iniciativa do próprio Elias, a *Norbert Elias Foundation*, com o objetivo de estimular pesquisas na área de ciências sociais. Nessa fundação encontram-se todos os escritos do sociólogo, inclusive os que não foram publicados. Atualmente existe na França uma corrente historiográfica que se auto-denomina sócio-história, cujos representantes pretendem criar um laço efetivo entre história e sociologia. Consideram-se herdeiros tanto de Elias como de Marc Bloch. Na realidade, trata-se de conjugar a prática dos historiadores – arquivos e fontes orais – com o uso de conceitos sociológicos. A herança de Elias resume-se à visão processual dos fenômenos sociais, e, não, à sua construção teórica como um todo. Sobre a sócio-história ver Noiriél, G. *Introduction à la socio-histoire*. Paris: La Découverte, 2006 e Buton, F e Mariot, N. (Org.) *Pratiques et méthodes de la socio-histoire*. Paris: PUF, 2009.
- ³¹ Elias, Norbert. Para a fundamentação dos processos sociais. In Federico Neiburg e Leopoldo Waizbord (Org.) *Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 208.

Artigo recebido em: 06/12/2013. Aprovado em: 15/01/2014.